



Cultura!

Exclusivo

UMA VIDA DEDICADA À LITERATURA E À PESQUISA

A educadora, crítica literária e tradutora premiada Susana Ventura, com uma vasta e dinâmica carreira acadêmica, fala com exclusividade ao *Cultura!* sobre suas pesquisas, suas obras e a carreira literária
Págs. C4, C5 e C6

‘A prisão do olhar’

As reflexões da
velhice e da solidão
Pág. C2

‘Socorro!’

Dicas para uma
boa nota na
redação
do ENEM
Pág. C3

‘Os Dois’

Mais conversas
filosóficas do
Osmar e do Dito
Pág. C3



Um pouco de

Cada arte...

A PRISÃO DO OLHAR

* O. A. SECATTO
oasecatto@bol.com.br
www.oasecatto.com.br



“Um corpo saudável é um quarto de hóspedes para a alma; um corpo doente, uma prisão.”
Sir Francis Bacon

“Nós que vivemos em prisões, e em cujas vidas não há mais que infortúnio, temos que medir o tempo pela palpação da dor e a lembrança dos momentos tristes.”
Oscar Wilde

Será que eles vêm hoje? Enfermeira, eles vêm hoje? Ela nunca responde. Malcriada! Acho que nem ouviu. Estou neste lugar há tanto tempo que já nem me lembro mais. Ainda não entendi por que só me deixam sentado. Não foi ontem que eu saí para um passeio? A memória me prega peças. Minhas pernas estão um tanto fracas, mas ainda me aguentam, ora! Preciso tomar um pouco de ar. Enfermeira. Enfermeira! Ela não me dá atenção mesmo. Quero ficar perto das árvores lá no quintal, ouvir os pássaros. Acho que vou levantar um pouco... Opa, a perna não está firmando. Vou deixar quieto por enquanto. Pensando bem, dá para sentir daqui da sala o calor lá de fora. Ando mais tarde, quando estiver mais fresco. Pelo que me lembro, não preciso ter pressa. Tenho todo o tempo do mundo aqui.

Sempre me pego olhando para as minhas mãos. Na falta de espelhos, são elas que me lembram de como estou velho. Pelo menos por fora. Devo estar como a semente viva de uma ameixa velha e seca... Já não me lembro da minha própria cara. Será que estou com barba? Ora, passe a mão para conferir! Não, não. E se estiver malfeita? Não suporto barba malfeita. Faz tempo que não a ajeito, é verdade. Nem vou me dar ao trabalho. Se eu realmente estiver como me imagino agora... Ou, então, como aquele velho ali do tubo de oxigênio. Não, melhor nem pensar. Já fui forte, ativo e inteligente um dia. Rosto liso; barba feita. Boas roupas, perfume. Sim, consigo alcançar essas memórias, pelo menos essas. Bons tempos. Como eu era bom no que fazia! Gostava de me enfiar no trabalho, de ser útil, ter valor. Ter o que fazer. Pois quem a vida inteira trabalhou só com as mãos, quando o corpo não aguenta mais, torna-se um inútil... E um deprimido no ócio absurdo a que as limitações nos obrigam. É o que sou hoje: um imprestável. A boa imagem se foi, comida pelo tempo; as roupas não fazem diferença aqui, é tudo igual. Em meio a tudo isso, tive um filho e uma

filha. Meu casal, meu orgulho. Acho que também tenho netos, mas não recordo o nome de todos eles. Hoje devem ser muitos ocupados para vir sempre aqui. Eu os entendo. Eles vêm menos agora. Em parte eu os entendo. Acho que não mais os recebo com a alegria de outrora. Um pouco deve ser culpa minha.

Não me lembro mais de quando saí de casa. Que fim deram à casa que tanto me custou para construir? Quando foi que me puseram aqui? E o que será que fizeram com minhas ferramentas? Meus poucos livros? Minha coleção de vinis de Caruso? Ah, como sinto falta das vozes de Lauri-Volpi e Di Stefano... George London como Wotan na tetralogia de Wagner! Suas vozes agora são apenas ecos confusos em minha memória traiçoeira. Precisava ouvi-los novamente, como nos tempos em que tinha à mão a boa música. Aqui só nos obrigam a ouvir esse maldito rádio! E tem aquela televisão insuportável com programas chatos: só porque sou velho acham que sou retardado? É só barulho para onde quer que eu vá. Como podem chamar isso de música? Meu Deus! E ainda...

Ah, não. Esse cheiro de fumaça de novo. Por que esse aí não vai fumar no inferno?! Como podem deixar esse velho fumar aqui perto? Enfermeira. Enfermeira! Será que só eu estou sentindo este cheiro?! Se pelo menos o cigarro o levasse logo...

Espere um pouco. Vem lá de fora... Isso foi um latido? Um latido! Ah, como tenho saudades do Odin e da pequena Caquinha, meus cachorros, meus companheiros. Não nos deixam ter cachorros ou gatos aqui; e isso é um erro. Eu trocava três enfermeiras por um vira-lata. Isso aqui seria mais alegre. E precisaríamos de menos remédios.

Mais uns minutos do meu próprio silêncio. Só assim para eu ser vítima do mais repentino sorriso... Não há saudade maior que a da Clara. Ela deve ter sido muito boa em vida, mais do que eu sabia, pois pouco sofreu antes de partir. Partiu sem me dar tempo para qualquer adeus, para uma última palavra. Não sei qual foi a última coisa que lhe disse.

Seu rosto está esculpido e gravado em minha memória. Mais que seu semblante, seu sorriso... Ah, seu sorriso! Ele iluminava tudo e todos. Incendiou meu coração desde a primeira vez em que o vi. E quando ele foi para mim, só para mim... Sempre me voltam as palavras de minha mãe: “aquele friozinho na barriga é o sinal do verdadeiro amor”. Ela estava certa. E eu vivi uma vida inteira inebriada por ele. Passei ao lado da Clara todo o tempo que pude, quando o trabalho não me absorvia. Devia ter passado mais. Disso me arrependo.

Ali do lado uma senhora recebia a visita da família. A filha e o genro, ao que parece. E os

netos. Todos com doces escondidos das enfermeiras para a idosa na cadeira de rodas, que não continha o sorriso. Conversavam e riam por entre abraços e beijos. Um terreno momento.

Não sei se meus olhos denunciavam meus pensamentos. Talvez não. Todo sábado ela recebe visita. Eu... Eu devo repelir as pessoas por estar doente.

Mas qual é a minha doença? Arrisco que o que me acomete é a tristeza da solidão inesperada; pesam sobre meus ombros as vicissitudes do tempo, a inescapável agonia do corpo que sucumbe ao peso da própria matéria, a condensação de todas as dores e tristezas. Isso é como estou. Isso é o que sou.

Já não sei mais o que é o que realmente penso e o que li ou aprendi... É tão confuso. Tudo parece meu e, de repente, apenas ecos de um passado distante, de fontes lidas, ouvidas. Minhas estantes estão cheias, eu sei, posso ver. Só não alcanço mais os meus livros, minhas obras, minhas próprias anotações... Acabo por tocar apenas aqueles que me caem no colo espontaneamente, alheios à minha escolha. São faíscas e relâmpagos na escuridão da noite. Lampejos. Toda uma vida de experiências e conhecimento confinada, presa, perdida em mim. E, ao partir, quem estará certo? Averróis e a consciência que puramente se perde? Kant e o Deus que, não se comprovando, também não se pode negar? A bíblia e a salvação prometida? Não imagino como será por essas teorias à prova. Talvez divertido.

Ah, devem ser os remédios. Estou entupido de remédios! Tomo-os aos montes até onde minha memória alcança. Devo ter apenas um

resquício de estômago por causa deles. E as enfermeiras vêm com eles todo dia, em copinhos, um atrás do outro.

Elas até se esforçam para cuidar bem de mim. A gordinha sempre conversa, mesmo quando não lhe quero responder; a de óculos feios é mal-humorada, mas tem um coração bom. O problema é a magrela da Edith, que não tem paciência nem coração.

Ih, lá vêm duas delas. Melhor eu ficar quieto...

— Viu? O trabalho é simples, como eu falei — concluiu a mais velha.

— E esse, quem é? — quis saber a novata.

— Esse é o seu Ermenegildo. A família é daqui da cidade e paga direitinho. Mas raramente vem visitá-lo. Às vezes tenho pena dele.

— O que ele tem?

— Não se sabe ao certo. Alguém disse uma vez que era pura tristeza. Mas fato é que não fala. É mudo desde o derrame, o que agravou o quadro pré-existente. Não responde a estímulos, nem com os olhos, que estão sempre fixos no nada. — Ela fitou o velho senhor no sofá. Teve um arrepio repentino. — Credo. Parece que ele está preso no próprio olhar...

— Isso é triste.

— Bem, em todo caso, acho que ele não ouve. O médico diz que não. Então, não precisa conversar com ele. Dê atenção aos pacientes que estão conscientes.

— Ele tem algum problema na boca? — observou a jovem enfermeira.

— Não. Só tiramos sua dentadura porque estava machucando a própria língua.

— Alguma recomendação especial?

— Não, é só alimentá-lo por sonda, dando banho a cada dois dias. Não precisa ser diário. Ele não liga mesmo. E a família sempre avisa com antecedência quando vem, mas é raro virem. Lembre-se de trocar a fralda à tarde.

— Tá — concordou, e fez uma anotação no prontuário que tinha nas mãos.

— Aquele outro ali... — A enfermeira continuou o trajeto.

Uma lágrima escorreu dos olhos de Ermenegildo.

Por que definhamos? Por que não fugimos desse ciclo absoluto de vida, amadurecimento, decadência e morte? Dizem que a morte é um presente de Deus para o homem. Deve ser. Diante do sofrimento que não cessa e da agonia que oprime, a morte será um alívio, afinal.

Eu já fui o próprio fogo, eu ardia de vida! Podia contagiar tanta gente com uma alegria desmedida.

Meus amigos... Quando jovens, íamos incendiar o mundo, sentíamos que podíamos. Mas a vida nos curva à realidade, dobra nossos joelhos. Todos eles já morreram. Tenho muito pouco que me prenda ao mundo.

Eu carreguei meus filhos no colo, dormi com eles, cuidei deles, os protegi, afastei seus medos... Para agora estar nas mãos de estranhos, sozinho.

Acho que todo filho quer, no fim das contas, os pais mortos depois que eles ficam velhos e doentes, sem prestar para mais nada, só dando trabalho e gasto. Não há o que pensar diferente. Mas acho que não demoro a fazer-lhes a vontade.

Se a felicidade é realmente feita apenas de pausas na dor, a minha escapou-me pelas mãos há tempos... E não parece que voltará a tempo.

Falta pouco para minha partida. Posso sentir isso. O incenso da morte invade aos poucos minhas narinas e já me entorpece. Põe-me um sorriso sem graça no rosto. Deve estar me preparando, não sei.

Precisarei de moedas para o barqueiro, como dizem? Ou me bastará a pluma de Maat, como ouvi outra vez? Acho que isso já não importa.

Há algum tempo aceitei meu bilhete. Agora, só espero. O trem não deve demorar a passar. Só gostaria de poder me despedir... Queria um último abraço.

Será que eles vêm hoje?



Palavra



“Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.”

CLARICE LISPECTOR

NASCIDA EM CHECHELNYK, UCRÂNIA, EM 1920, A ESCRITORA, AUTORA DE “PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM” E “A HORA DA ESTRELA”, DENTRE OUTROS, MORREU NO RIO DE JANEIRO (RJ), EM 1977.

Clarice Lispector



Cultural! é uma publicação do jornal O Extra.net, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

EXPEDIENTE
EDITOR: O. A. SECATTO
COLABORADORES: GIL PIVA,
JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO E
JACQUELINE PAGGIORO
DIAGRAMAÇÃO: ALISSON CARVALHO

Educação

O que eu devo fazer para ter uma boa nota na redação do ENEM?

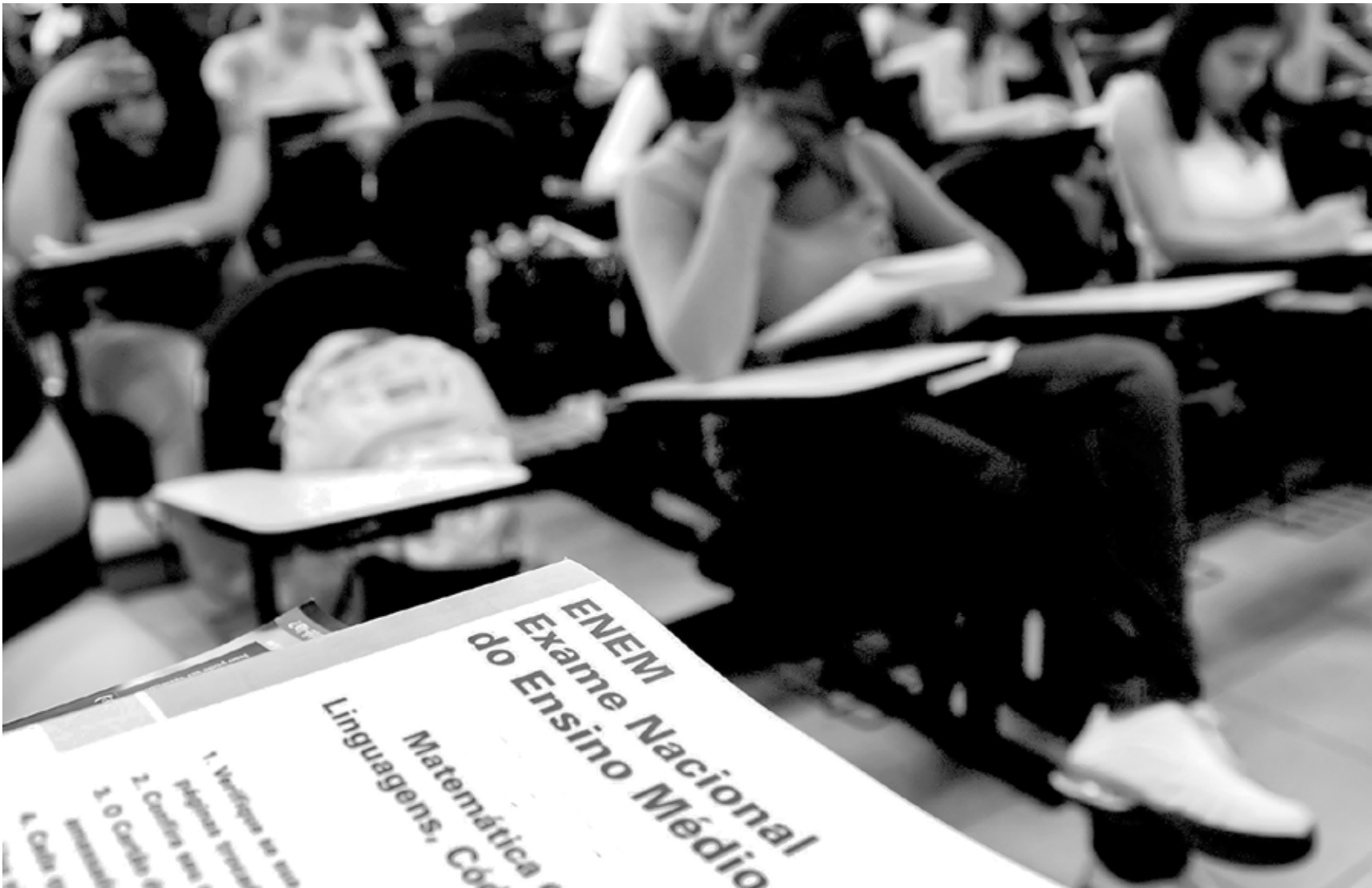
SOCORRO!!!

LAÍS MIDORI DA SILVA

A pesar do final das eleições e do clima tenso ocasionado pela polarização partidária no país, o desafio dos jovens brasileiros não terminou, ao contrário, está apenas começando. Amanhã, milhares de estudantes participarão da primeira etapa do Exame Nacional do Ensino Médio a fim de alcançar a tão almejada vaga em uma boa universidade e, diante do enorme desafio que é ficar cinco horas sentado numa cadeira, dentro de uma sala nem sempre confortável, pensando e tentando elaborar uma redação com uma proposta de intervenção para um problema social que nem mesmo o governo consegue solucionar, surge o desespero.

Nessa época é comum que os alunos solicitem horários extras, agendem aulas particulares, entreguem todas as redações atrasadas e resolvam aparecer em peso nas aulas de redação como se, num passe de mágica, o professor pudesse ensinar uma fórmula da redação perfeita. Entretanto, infelizmente, não há uma fórmula pronta. Eu costumo dizer para os meus alunos que nenhum bom escritor o é se não treinar. A escrita é treino diário, com dias mais produtivos que outros e, assim como os craques do futebol não convertem as penalidades máximas em gols sem treinar, os alunos não conseguirão um bom resultado sem redigir várias redações durante o ano, preparando-se para o fatídico dia do ENEM.

Mas, professora, e agora? “Inês é morta?” Não tenho mais chances de obter uma boa nota na redação? Não há sequer alguma dica? Acalme-se! O desespero não ajuda em nada. Nesse momento você deverá explorar todo o conhecimento de mundo e o pensamento crítico adquiridos durante sua jornada escolar. Leia a frase temática com atenção, interprete-a e anote os dados significativos nos textos de apoio. Lembre-se de que o ENEM sempre solicita um tema de ordem social, científica, cultural ou política que esteja diretamente relacionado ao contexto nacional, então, re-



flita, sempre, sobre a importância desse tema para a sociedade na qual você está inserido. Pense nos filmes, livros, músicas ou frases de autoridades (filósofos, pesquisadores, especialistas, historiadores, etc.) que possam servir como repertório para o seu texto. Seja coerente, use a norma padrão da língua portuguesa e não se esqueça de apresentar uma proposta de intervenção completa para a problemática abordada.

Ademais, ainda dá tempo de dar aquela

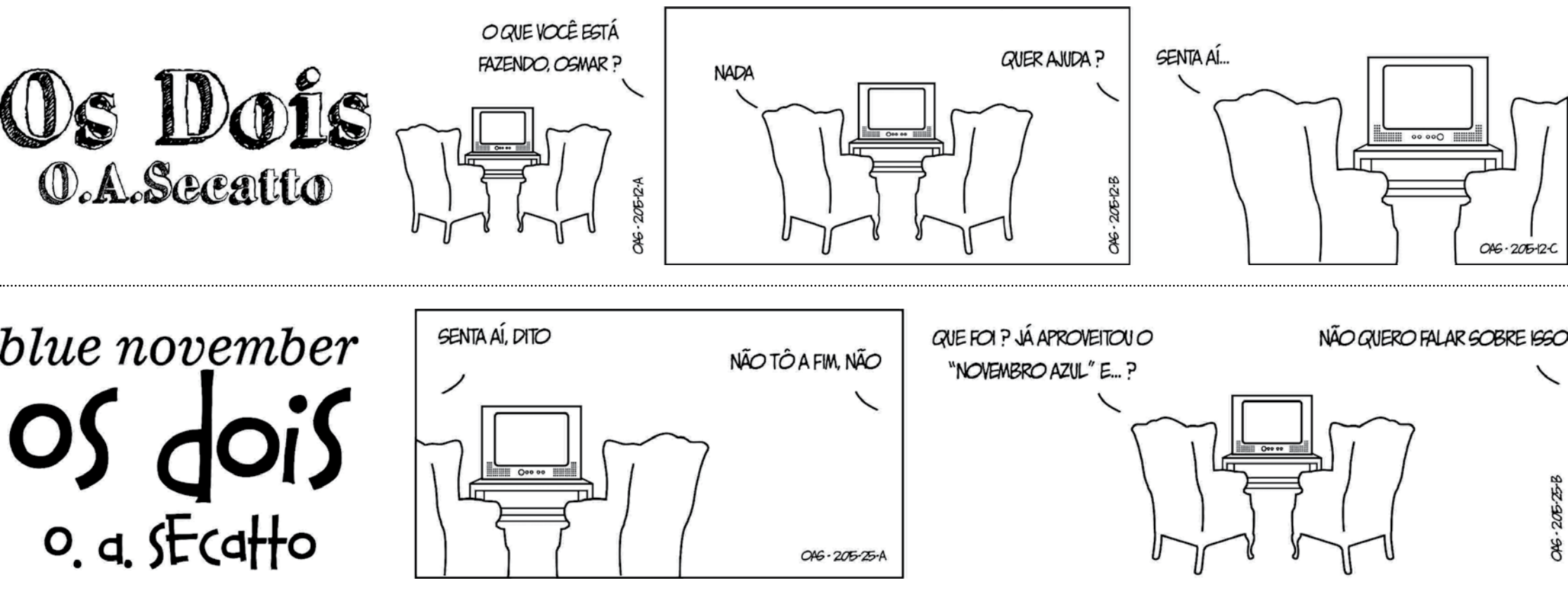
“espiadinha” nos jornais ou materiais publicados sobre os possíveis temas do Enem, pois há vários sites gratuitos que disponibilizam, inclusive, videoaulas com dicas de repertório e de abordagem para o tema. Não faça cópia dos textos de apoio, não faça desenhos ou insira dados e informações que não estejam relaciona-

das à discussão. Receita de miojo ou hino do Corinthians no meio da prova? Nem pensar! Fique atento ao cumprimento do

gênero solicitado, procure não fugir do tema e respeite, sempre, os Direitos Humanos. Por fim, dedique-se primeiro à redação, elabore um pequeno projeto de texto e procure não gastar mais do que 90 minutos entre o rascunho e a versão final. Não se esqueça de revisar o texto antes de passá-lo a limpo. Tudo isso parece bastante óbvio, mas, nos momentos de desespero, o óbvio precisa ser dito. Boa prova, o desafio apenas começou! *Good vibes* e até a próxima!

*** LAÍS MIDORI DA SILVA,**
CORINTIANA ROXA E PROFESSORA,
É DOUTORANDA EM LETRAS PELA UNESP

Quadrinhos



o. a. SÉcatto

TIPO MILLOR

(SÓ QUE NÃO)

Jamais desejos
O mal aos outros.
Apenas diz assim:
“Vai, vai ser feliz.
Mas longe de mim.”

Capa

“Não poderia realizar doutorado sem bolsa e jamais teria recursos próprios para viver em Portugal por seis meses para fazê-lo. Assim, minha tese de doutorado não seria escrita e um tijolo do conhecimento não estaria no muro da ciência hoje”

VIAGENS LITERÁRIAS: UM RESGATE DA LITERATURA

HELENA GOMES

Demorou para Susana Ventura se ver como escritora. Com uma vasta e dinâmica carreira acadêmica, essa educadora, crítica literária e tradutora premiada vivenciou o que todo autor experimenta quando resolve, pela primeira vez, mostrar seu texto para os leitores. Surgem dúvidas, questionamentos, hesitação.

Como a Susana e eu já escrevemos juntas alguns livros e estamos sempre inventando algum projeto, posso dizer que acompanhei de perto todas as etapas dessa aceitação que enfim se completou no dia em que ela, ao preencher uma ficha de cadastro em um hotel, colocou a palavra escritora no campo destinado à profissão.

Hoje, Susana guarda em sua estante a Joaquina, como ela carinhosamente chama a estátua que recebeu pelo terceiro lugar no Prêmio Jabuti, na categoria juvenil, e segue trilhando uma carreira literária que vem lhe trazendo o merecido reconhecimento.

Conheça mais sobre o seu trabalho na entrevista abaixo, que fiz a pedido do nosso caro editor Osvaldo Secatto.

• Você nasceu em Rio Claro e hoje mora em Santos e na capital paulista em períodos alternados, além de viver uma rotina de viagens a trabalho tanto para outros estados quanto para fora do país. Quais são as influências que essa essência andarilha traz à sua vida?

Gosto do nomadismo das viagens frequentes. É um exercício e um desafio. Escolher meia dúzia de objetos (e vários livros, pois viajo a trabalho 95% das vezes) e sair, o que significa largar as coisas no ponto em que estão; qualquer coisa, na verdade. E, a partir dali, estar disposta a encarar o que venha: longas esperas, falta de conforto, gente diferente, situações inusitadas, oportunidades de risadas, o inesperado, enfim. Acho que isso trouxe, com o passar do tempo, a opção por uma vida diária simples em que o principal são as relações com as pessoas. Numa vida como essa, não cabe muito além do que é realmente essencial — ao ter que fazer escolhas tão reduzidas com tanta frequência, tudo o que é supérfluo fica de lado. Na prática: guarda-roupa reduzido, mala pequena, itens pessoais mínimos. Na vida diária, onde quer que ela esteja sendo vivida, foco em ouvir as pessoas, me divertir, perceber os lugares onde estou e quais são os modos de viver, sentir e estar no mundo.

• Você já morou em outros países da América Latina e também na Europa. Como essas experiências se refletem no seu trabalho como escritora?

Morei no Peru, na Argentina, em Portugal e na Alemanha. Quando morava ali também empreendi viagens com extensões variadas a países vizinhos. Tive também estadas representativas no Chile, Uruguai, na Espanha, França, Holanda e Itália. No meu trabalho como escritora, há reflexo disso, sim. Viajo desde o início da década de 1990, tempo em que não tínhamos internet, a telefonia celular não existia — para mim ao menos — e eu escrevia ainda cartas para as pessoas queridas. Os livros que comprei desde então (nunca fui minimalista nesse ponto), aqueles que li em bibliotecas, os diários que escrevi (mantive diários de 1992 a 2001) e depois, quando me tornei pesquisadora com trabalho de investigação científica, os relatórios todos, fichamentos de livros, notas de encontros científicos, preparação de palestras para esse tipo de situação, escrita de crítica literária, tudo isso construiu o tipo de discurso escrito que tenho hoje. Escrevo ensaios para a área



Susana Ventura

da literatura, literatura em prosa para jovens leitores e crônicas. Nas crônicas se reflete de maneira mais visível a influência das viagens: elas são muito curtas (para caberem no meu modo de veiculação preferido que é a rede social) e, em geral, têm como tema deslocamentos ou situações vividas durante deslocamentos.

• Não podemos fugir da pergunta clássica: como surgiu o seu interesse pela literatura?
Foi na minha infância em Poá. Havia adultos que estudavam nas casas em que eu ficava quando criança — a minha própria e a de meus avós — e eles tinham livros e

se preocupavam em comprar, numa cidade algo distante e que tinha livraria, livros para mim. Eu vivia num lugar semirrural e muito pequeno, mas os livros alargaram muito aquele pequeno mundo.

Minha infância em Poá: livros. Eu vivia num lugar semirrural e pequeno, mas os livros alargaram muito aquele pequeno mundo

• Em qual momento da sua vida você decidiu unir seu lado escritora ao de leitora voraz e crítica literária?

Eu não decidi, não (risos). Foi o mundo que decidiu por mim.


Eu me imaginava dando aula, atividade que adoro, fazendo e orientando pesquisa científica e escrevendo ensaios e artigos ligados a essas atividades, que seriam lidos por um número possivelmente muito restrito de pes-

soas. Foi quando recebi um convite de uma colega da pós-graduação para pensar um pequeno projeto sobre livros do vestibular para o SESC-SP. Era 2006 e aquele pequeno projeto, que modestamente foi pensado em formato do que hoje chamamos aula-show para acontecer numa única edição, acabou se desdobrando. Era destinado a mostrar o repertório pedido pelas universidades públicas do estado de São Paulo para os exames de acesso, foi replicado em muitas unidades SESC e depois copiado à exaustão por vários outros equipamentos de cultura. Isso me permitiu a associação com atores e músicos para melhor explorar aquele repertório tradicional, o que me abriu as portas para criar muitas iniciativas inovadoras para levar literatura a um grande número de pessoas. Dentro disso vieram conversas públicas com escritores — moderação, montagem


Nas mãos das crianças.
Composição com o público infanto-juvenil



O CADERNO DA AVÓ CLARA
Autora: Susana Ventura
Editora: SESI-SP
(152 págs.)



DRAGÕES, MAÇÃS E UMA PITADA DE CAFUNÉ
Autoras: Susana Ventura e Helena Gomes
Editora: Biruta
(104 págs.)



CONTOS MOURISCOS
Autoras: Susana Ventura e Helena Gomes
Editora: Callis
(128 págs.)

de mesas de discussão, curadoria de projetos e eventos em literatura e convites para grandes eventos, como a Bienal de São Paulo. Foi lá, em 2008, que, de maneira inesperada, minha carreira literária começou.

• Como aconteceu?

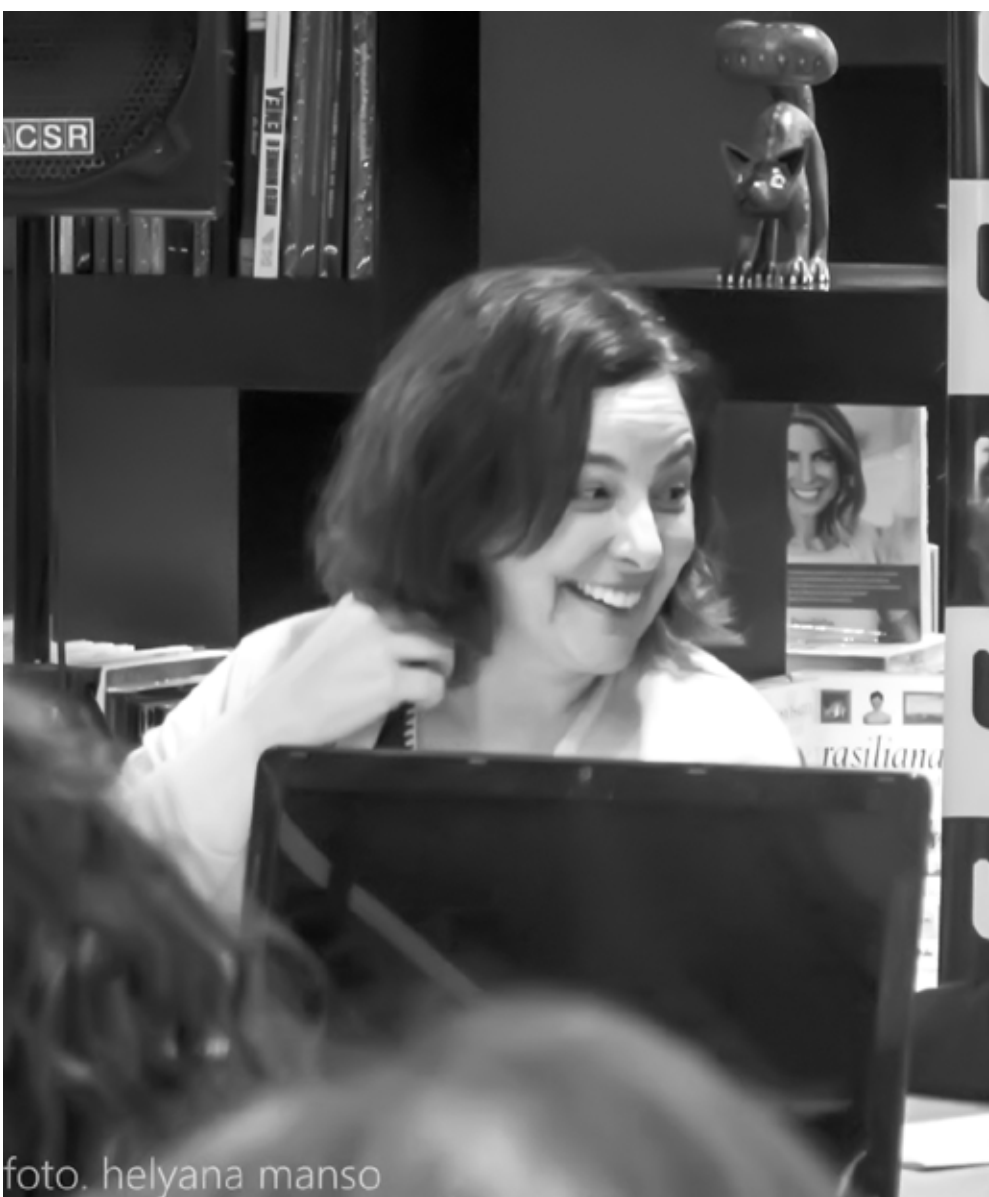
Antes da Bienal eu havia sido procurada por uma representante de três pequenas editoras que desejavam, juntas, prestar homenagem a um autor recentemente falecido, Elias José, e pensaram em encomendar a palestra de uma professora universitária que fosse especialista na área. Preparei a palestra e fui ao Pavilhão da Bienal. Foi um momento de grande emoção: a família do escritor estava toda ali, suas editoras que lhe prestavam homenagem (eram três mulheres), o público que amava os livros do autor ou que os estava conhecendo. Quando terminamos tudo, duas das editoras me procuraram e me pediram que as visitasse, pois pensavam precisar de mim. São duas das editoras que me editam hoje. No trabalho que iniciei numa delas — e que era de formação de catálogo, indicação de obras que eu havia visto em outros países em viagens, e de escrita de materiais para professores —, notei que faltava um livro sobre um tema e eu não o encontrava no mercado editorial do Brasil nem fora. Acabei escrevendo o livro de que o catálogo precisava. Outras editoras viram o livro pronto e me chamaram com a proposta de encomendas para atender a pedidos tanto de escolas quanto de editais. Na ponta da pilha das necessidades, estava a adaptação de contos populares. Comecei por isso, então e pela minha especialidade na universidade: literatura portuguesa, angolana, cabo-verdiana, guineense, moçambicana e santomense. Mais demandas e fui para o território que conhecia bem, os países da América Latina. Ainda não parei. A demanda escasseou com o tempo devido às tristes condições a que chegamos no país, mas o gosto por realizar recontos e adaptações continuou firme. E, na medida do possível, continuo trabalhando com isso.

• Como é o trabalho que você desenvolve como tradutora e educadora?

Dou aulas em pós-graduação em centros universitários e também cursos livres de extensão em equipamentos de cultura. Gosto muito desse trabalho, que me permite continuar a pesquisar — eu crio os cursos, mesmo no âmbito universitário —, desenhando caminhos de leitura e fazendo propostas para entender o que acontece no mundo através de uma certa gama de livros. Traduzir se tornou uma necessidade, uma vez que passei a explorar, em pesquisa, caminhos que não tinham sido explorados antes. Há pouco mais de dois anos passei a fazer traduções profissionalmente (as múltiplas viagens trouxeram isso também, o estudo de quatro outros idiomas além do português e a possibilidade de falar, ler, escrever e traduzir três deles). Muitos dos recontos e das adaptações que realizei nos últimos cinco anos vieram de traduções próprias a partir de livros pesquisados em outros países. Neste momento, preparo-me para publicar livros traduzidos por mim e que fazem parte de uma pesquisa que venho realizando há quatro anos sobre escritoras esquecidas.

• Você tem uma dedicada e extensa carreira acadêmica, que até agora já lhe rendeu pesquisas diversas, curadorias, inúmeras publicações e projetos em várias áreas tanto no Brasil quanto no exterior. Conte-nos sobre essa trajetória.

Minha trajetória acadêmica começou quando saí de Santos para fazer pós-graduação em Letras na Universidade de São Paulo. Tendo vivido alguns anos entre Peru, Argentina, Bolívia e Chile, eu havia lido muita literatura e queria fazer um trabalho em literatura comparada que envolvesse o Brasil e um ou dois desses países. Eu acreditava fortemente numa identidade latino-americana e estava disposta a investigá-la via literatura. Mas acontece que essa área de estudos ainda não existia (foi criada depois, quando eu já estava no doutorado). Então examinei



com cuidado o que havia e, sendo de família portuguesa, pareceu-me que um estudo comparado entre Brasil e Portugal seria bom começo. Foi mesmo. Dei sempre muita sorte ao escolher meus objetos de estudo, pois meu “faro” — que considero hoje um dos principais requisitos do pesquisador — me levou a estudar pessoas que não eram muito conhecidas e se tornariam com o tempo. Comecei com um trabalho que colocava lado a lado romances de Silviano Santiago e José Saramago. No amplo guarda-chuva que era minha área de

estudos, estudei muito da literatura portuguesa, literatura brasileira, literatura para crianças e jovens e literatura dos cinco países africanos que têm o português como língua oficial (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe). Fiz parte do mestrado trabalhando, depois tive uma bolsa de estudos pequena. O doutorado foi quase todo com bolsa e tive ainda bolsa no exterior — isso propiciou um estudo profundo, abrangente, tecer conversas com pessoas no Brasil e fora dele. Fiquei conhecida como

Contos Mouriscos foi meu primeiro livro escrito em parceria. Foi a primeira vez que repartí a escrita, essa função tão solitária



pesquisadora muito séria, que empregava bem os poucos recursos que recebia e estudava muito. Beneficiada por uma bolsa de doutorado sanduíche, pude viver seis meses em Portugal entre 2004 e 2005 e ali filiei-me a centros de pesquisa e formei laços que fizeram toda a diferença na minha vida posterior. Isso gerou muitos eventos conjuntos, no Brasil e em Portugal, sempre gratuitos e para toda a comunidade. Uma única vez, em 2013, tivemos que cobrar um valor módico de inscrição para um seminário internacional, uma vez que não tínhamos dinheiro para os impressos do encontro. O emprego eficiente de poucos recursos faz acontecerem quase milagres e eu fiz parte de vários deles. Hoje faço parte de dois centros de pesquisa na Europa, sou embaixadora de uma ONG nos EUA e estou ajudando uma ONG no Japão a ter sua primeira biblioteca em português para jovens filhos de brasileiros que vivem em Osaka.

• Como tradutora, recentemente você recebeu o Prêmio FNLIJ de Tradução, na categoria reconto, pelo livro “Barbazul”, da editora Aletria. Como foi trabalhar nesse projeto?

Foi muito bonito e intenso. E o chamado veio através da rede social. Uma das proprietárias da editora, amiga de Facebook, perguntou em seu mural: quem traduz do castelhano? Eu respondi imediatamente e fomos conversar em mensagem privada. Não poderia ser mais perfeita a proposta. Um reconto de fadas, de autoria da escritora e ilustradora argentina Annabella Lopez. Uma nova fase da carreira começava ali, a de tradutora profissional.

• Outro prêmio importante foi o Jabuti, que você conquistou no ano passado com o livro “O caderno da avó Clara”, publicado pela editora Sesi-SP, obra que também vem se destacando nas adoções escolares. Na sua opinião como autora, o que faz a história cativar tanto a crítica quanto os leitores?

Ah, não faço a menor ideia (risos). Foi o meu livro mais pessoal até agora, aquele que não veio de nenhuma encomenda ou necessidade editorial e sim de um desejo de escrever algo pessoal em que muitas histórias minhas estivessem presentes. Talvez eu tenha conseguido um livro capaz de mostrar isso em seu tecido. E para esse livro ser o que é foram necessárias várias profissionais incríveis trabalhando: uma editora que gostava do texto e queria que ele fosse um livro incrível, a Gabriella Plantulli;

Nas livrarias.
Momento de alegria, em foto de Helyana Manso

Capa

“O apoio à Cultura é essencial, sempre. Os realizadores de atividades que alimentam o simbólico fazem um trabalho essencial para a saúde social. Uma canção, um filme, um livro movem e alimentam milhares de pessoas, marcam vidas de maneira indelével. Porque o simbólico é poderoso e difícil de medir”

HELENA GOMES

{ Continuação das págs. C4 e C5.

uma ilustradora que gostou realmente dele e se envolveu profundamente na criação das imagens para ele, a Carla Irusta; uma designer excelente, a Carla Arbex, que percebeu que o livro precisava de uma identidade que separasse o caderno da avó e a narrativa da protagonista Mari e soube trabalhar para que o livro tivesse o aspecto que tem e, por último, a crítica literária e professora que escreveu o texto de apresentação, Maria Zilda da Cunha, da USP.

• **“O caderno da avó Clara” foi escrito graças ao apoio de uma bolsa de criação literária, concedida pela Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo. Como você vê o apoio do governo à cultura em um momento tão difícil quanto o que vivemos?**

O apoio à Cultura é essencial, sempre, mas muito mais importante em anos tão difíceis quanto os que atravessamos. Os realizadores de atividades que alimentam o simbólico, artistas, contadores de histórias, músicos, atletas e escritores, fazem um trabalho essencial para a saúde social. Sim, gastar com artistas, estudantes, professores e atletas é, no mais das vezes, empregar de maneira excelente o dinheiro que é de todos. Uma canção, um filme, um livro, uma tela e um jogo movem e alimentam milhares de pessoas, marcam vidas de maneira indelével, impulsionam a alegria, a felicidade e a reflexão do coletivo. E os valores são sempre muito pequenos em proporção ao tanto que é feito e alcançado. Porque o simbólico é poderoso e difícil de medir. Eu não poderia ter escrito meu romance juvenil sem a bolsa do ProAC, que propiciou que eu trabalhasse menos pelos

oito meses em que o escrevi. Não poderia realizar doutorado sem bolsa e jamais teria recursos próprios para viver em Portugal por seis meses para fazê-lo. Assim, minha tese de doutorado não

Estudei a literatura de Moçambique. Uma amiga me apresentou *Terra sonâmbula* e ao conjunto de contos *Vozes anoitecidas*. Era Mia Couto

seria escrita e um tijolo do conhecimento não estaria no muro da ciência hoje. Nenhum dos meus 22 livros seria sequer sonhado se eu não estivesse treinada e repertorizada por dez anos de ensino fundamental público e mais nove anos de pós-graduação na universidade pública, onde pude estudar tudo o que desejei da forma mais completa possível. Tudo o que tenho devolvido e ainda devolvarei à sociedade brasileira é infinitamente maior do que o que foi em mim investido. E mais todas as relações internacionais que eu dinamizei: firmei convênios, organizei pelo menos cinco encontros internacionais que levaram a literatura brasileira a crianças portuguesas e participei de mais de vinte reuniões no exterior levando o nome do Brasil como país sério e onde se estuda muito.

• **Você já tinha sido antes finalista do Prêmio Jabuti, dessa vez com um livro que escrevemos juntas, “Contos Mouriscos”, da editora Callis. Para você, como foi esse mergulho na magia do Oriente nos contos populares portugueses?**

Ah, foi um trabalho delicioso que resultou em um de meus melhores livros. Orgulho-me demais desse trabalho, que surgiu de conversas nossas sobre pesquisas que desenvolvíamos a partir de materiais portugueses. Quando percebemos que havia todo um universo português que era tributário do Oriente e muito, muito anterior ao século XVIII, ficamos espantadas e felizes. O Oriente chega firme ao continente europeu com a tradução (e algo de invenção, diga-se de passagem) de *As mil e uma noites*, por Galland no final do século XVIII. E o material que tínhamos em mãos estava cheio de cavernas com tesouros, palácios com tesouros encantados, muito ouro e pedras preciosas, uma vida que era vigiada

por mouros que haviam sido encantados e eram passíveis de desencantamento a cada madrugada de São João. E ali tudo, um grande painel de luta por território, de cristãos lutando e muçulmanos reagindo e tentando manter-se no lugar onde haviam estado por séculos! Todo o trabalho em *Contos mouriscos* foi lindo e resultou em um livro valioso para jovens leitores.

• **“Contos Mouriscos” foi seu primeiro livro escrito em parceria? Aliás, para você, como é escrever a quatro ou mais mãos?**

Foi meu primeiro livro escrito em parceria, sim. As parcerias anteriores e posteriores foram com ilustradores e designers. Foi a primeira vez que repartí a escrita, essa função tão solitária. Foi muito bom porque foi com uma pessoa compreensiva e de alta qualidade humana. Dificilmente os escritores no Brasil podem dedicar à escrita uma boa parte de seu tempo. A maioria de nós escreve quando pode, nos intervalos de trabalhos que pagam as contas de nossas casas e nos permitem continuar a ter uma vida digna. Comigo não é diferente. Tenho pouco tempo para escrever e uma agenda louca de viagens muito frequentes. A relação de troca de escritas sempre foi muito saborosa e suave e, para nossa sorte, sempre resultou em livros muito bons. Estamos agora no quarto projeto e teremos outros mais.

• **Você mantém elos afetivos e profissionais em quatro continentes: América, Ásia, Europa e África. Da literatura desse último, você se tornou especialista numa época em que obras de autores africanos, como Mia Couto, ainda eram pouco conhecidas. O que a arrebatou nesse percurso?**

Em 1999, na USP, estudei a fundo as literaturas de Angola, Cabo Verde e Moçambique. Uma amiga começava a estudar um então desconhecido autor moçambicano e me apresentou ao romance *Terra sonâmbula* e ao conjunto de contos *Vozes anoitecidas*. Era Mia Couto. Fiquei tão impressionada que disse “vou estudar

esse cara no doutorado, ele é incrível, vai ser Prêmio Camões, com certeza, e talvez mesmo Prêmio Nobel”. Minha amiga riu de meu entusiasmo e a vida seguiu em frente. Ela apresentou um dos primeiros mestrados sobre a obra de Mia Couto em contraponto com a de Guimarães Rosa em 2000 e eu apresentei meu doutorado sobre José Saramago, Ana Maria Machado e Mia Couto em 2006. O que sempre me encantou foram os paralelos que teci com o Brasil e a prosa, poesia e teatro incríveis de tantos autores e autoras. Ali entendi muito da marcha da História e do desejo de fazer esse sonho acordado, que é a literatura, representar pela primeira vez os países que entraram em guerra por sua independência há tão pouco tempo que, quando eles conseguiram, eu estava entrando na escola! E muito da luta pela independência foi travada por poetas, prosadores, dramaturgos, que usaram sua força simbólica e seu corpo para as duras batalhas.

• **E quanto ao futuro? O que planeja a escritora Susana Ventura? Teremos mais livros seus este ano?**

Recentemente lancei *A princesa que ria rosas e outros contos húngaros*, feito em parceria com a ilustradora e designer Roberta Asse. Em breve, teremos o nosso *Reis, moscas e um gole de astúcia*, com ilustrações de Alexandre Camanho, terceiro volume da coleção *Contos e contadoras*. E, claro, o trabalho de escrita do cotidiano, que vai gerar um novo romance juvenil e os estudos para a nova tese de doutorado.

*

HELENA GOMES, AUTORA DE “SANGUE DE LOBO” E “PEDRO E INÊS”, DENTRE OUTROS, TRÊS VEZES FINALISTA DO PRÊMIO JABUTI, É ESCRITORA, JORNALISTA E REVISORA



FLIP.
Na Festa Literária de Paraty, em 2017



Evento de Lançamento.
Com as escritoras Maria Sílvia Oberg, Helena Gomes e Giulia Moon



Papo bom.
No projeto “Sempre Um Papo”, do Sesc



Conversa literária.
Em conversa sobre medos na literatura infantil e juvenil com a escritora Rosana Rios, em 28/10/2017, na Feira do Mal-Assombro da Editora Nova Alexandria